

Que venham as aves

Categories : [Reportagens](#)

Flamingos cor-de-rosa começaram a chegar na Lagoa do Peixe, no Rio Grande do Sul. Eles vieram do Chile e da Argentina e ficam até abril na companhia de gaivotas, cisnes, marrecas e diferentes aves nativas. Outras espécies migratórias dos hemisférios Norte e Sul também procuram a região nesta época do ano e atraem turistas para o que já ficou conhecido como Festival Brasileiro de Aves Migratórias. Entre os dias 11 e 15 de novembro, será realizada a 5ª edição do evento nas vizinhas cidades históricas de Mostardas e Tavares.

A região é conhecida como pantanal gaúcho, graças às revoadas de aves e às características ambientais que lembram o ecossistema mato-grossense. O Parque Nacional da Lagoa do Peixe tem 33.500 hectares e faz parte de uma imensa planície costeira recortada por banhados e lagoas que ocupam praticamente todo o litoral do estado. Mas nem por isso a região está livre de intempéries. No ano passado, a seca no Rio Grande do Sul provocou a redução de 90% da Lagoa do Peixe, que tem 40 km de comprimento, e afugentou as aves. Quase nenhuma foi vista por lá. Mas este ano, as chuvas e o clima ameno as trouxeram de volta.

O parque se localiza entre o Oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos, a 226 km de Porto Alegre, com extensas praias, campos de dunas e matas nativas. A Lagoa do Peixe, que dá nome à unidade de conservação do Ibama, tem águas rasas, de apenas 10 a 60 centímetros, que se comunicam com banhados e mar por uma faixa onde a profundidade chega a dois metros. As águas salobras e limpas são ambiente de proliferação de algas, crustáceos e peixes que servem de alimento para mais de 180 espécies de aves. Vinte e seis delas migratórias do hemisfério Norte e cinco do Sul.

Entre os hóspedes da lagoa, está o maçarico-de-peito-vermelho, que faz ninho perto do Pólo Norte e vem passar o verão no Brasil com os filhotes. Também costumam aparecer leões-marinhos e lobos-marinhos, trinta-réis, tartarugas e até pingüins. "Recebemos muitos visitantes estrangeiros - dos Estados Unidos, Europa, Canadá e da América do Sul. E muitos gaúchos, claro", brinca a bióloga Maria Tereza Queiroz Melo, chefe do Parque Nacional da Lagoa do Peixe. O lugar chega a abrigar 40 mil aves.

Por causa de sua importância no ciclo de vida da avifauna mundial, em 1991 o parque passou a integrar a Rede Hemisférica de Aves Limnícolas (que vivem em áreas alagadas) da Reserva da Biosfera da Unesco e do Tratado Ramsar [acordo internacional para proteção de áreas úmidas](#). Ainda assim, os governos estadual e federal lhe dão pouca importância. Este ano, o festival quase

não aconteceu por falta de verba. A Secretaria de Turismo do Estado ofereceu menos recursos do que o prometido e foi preciso prefeituras e comércio local fazerem um mutirão para manter a programação.

Juntas, as populações de Mostardas e Tavares não chegam a 20 mil habitantes. Ambas foram colonizadas por açorianos no século XVIII e guardam resquícios da arquitetura colonial. Em 1986, quando o parque foi criado, a população local não era simpática à idéia por causa das imposições que vieram com a fiscalização da unidade de conservação. Mas depois que o festival começou a atrair 3 mil turistas para a região e se tornou uma opção de renda, a opinião mudou.

Ainda assim, o ecossistema da Lagoa do Peixe sofre ameaças. O parque nacional é cercado por plantações de pinus - uma das maiores preocupações dos ambientalistas gaúchos. Essas florestas plantadas mudam todo o sistema de ventos na região, alterando as condições naturais das dunas da planície costeira. As árvores interferem ainda no sistema hídrico dos banhados, pois sugam muita água do solo. O parque sofre saques de pescadores e caçadores ilegais. Com quase 20 anos de criação, 90% de seu território ainda é propriedade de fazendeiros. Apenas 10% foram desapropriados.

O público cativo do parque são mesmo os observadores de aves, atraídos pela localização à beira-mar e as vantagens climáticas do verão. Mas o hobby exige cuidados especiais. “Devemos evitar grandes grupos de pessoas, não fazer barulho, ficar atentos a piados e usar equipamento correto. Na lagoa, são necessários binóculos e câmaras fotográficas com certa potência, pois as aves ficam longe”, ensina a bióloga Carla Fontana, coordenadora do Laboratório de Ornitologia do Museu de Ciências e Tecnologia da PUC. Ela vai dar cursos para leigos durante o Festival de Aves.

Carla Fontana se dedica à atividade há muito tempo. Foi diretora do Clube de Observadores de Aves de Porto Alegre, que funcionou até o fim da década de 90. Esse tipo de clube é comum em diversos países do mundo, mas no Brasil há poucos grupos organizados. “Esse é um hobby intelectual. Exige dedicação. Não é como passear de bicicleta. Exige que as pessoas comprem livros, estudem e tenham tempo para saídas de campo”, explica. O clube da capital gaúcha esteve em atividade por mais de dez anos, mas acabou por falta de recursos.

Para informações sobre aves:

[Centro de Estudos Ornitológicos/ USP](#)

[Pró-Aves](#)

[Centro Nacional de Pesquisa para Conservação das Aves Silvestres](#)

[\(Cemave/Ibama\)](#)

[National Audubon Society](#)

[Aves Argentinas](#)

[Birdlife](#)

*Cristina Ávila é jornalista freelancer em Porto Alegre e tem 25 anos de profissão.